

## Colapso: como sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso

DIAMOND, Jared. *Colapso: como sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. São Paulo: Record, 2005. 686p.

Jacquelyn Chase

California State University (Chico-EUA)

*Colapso: Como sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*, de Jared Diamond, delinea o colapso de algumas sociedades do passado e olha a algumas outras contemporâneas que podem ter o mesmo destino se as pessoas não se mobilizarem para impedir que isso aconteça. O colapso é a deterioração do meio ambiente, a perda repentina da população e o surgimento de comportamentos de tabu como o canibalismo e o genocídio. Seus capítulos sobre o genocídio na Ruanda e sobre o Haiti oferecem um olhar para dentro das sociedades contemporâneas que poderiam sofrer um colapso. As pessoas que sobrevivem um colapso talvez quisessem desejar que não tivessem sobrevivido, como ilustram as descrições pós-colapso de Jared Diamond da Ilha da Páscoa e da sociedade maia.

Este livro é uma continuação do premiado *Armas, Germes e Aço* de Diamond. Nele, Diamond argumenta que variáveis geográficas como a constelação de planetas na mesma linha e o clima continental, a distribuição de espécies selvagens apropriadas para a domesticação e o isolamento ou a proximidade física de povos conspiraram para produzir uma Europa que conseguiu conquistar o mundo. *Armas, Germes e Aço* assim respondeu àquela visão maligna persistente que o "sucesso" do oeste se deve à cultura (ou mais ainda, raça) européia, considerada superior àquela dos povos que derrotou. Segundo Diamond, o mundo físico efetivamente predeterminou (através da "causação última") quem sairia vitorioso em confrontos como aquele entre os incas e os espanhóis em 1532. Essa ênfase na base física dos fenômenos sociais leva muitos geógrafos a acusar Diamond de um "determinismo ambiental".

Formado em fisiologia e por muitos anos um membro de faculdade da Escola de Medicina da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles), Diamond agora é catedrático em geografia na mesma universidade. Para a decepção dos geógrafos, quando ele foi apresentado numa recente série de televisão da National Geographic Society baseada no seu *Armas, Germes e Aço*, sua afiliação atual a um departamento de geografia não foi mencionado. Por outro lado, Diamond faz americanos comuns falarem sobre geografia, uma disciplina que tem lutado nas últimas duas décadas para manter o número de matrículas e o financiamento.

Em *Colapso*, Diamond propõe um modelo de como algumas sociedades sobreviveram, enquanto outras usaram os seus recursos de uma maneira insustentável e sofreram uma rápida crise na sua estrutura social e na sua população. Na sua resposta à acusação de defender um determinismo ambiental que o perseguiu depois da publicação de *Armas, Germes e Aço*, Diamond insiste na sua posição de que o colapso não é atribuível a apenas um fator, mas a

pelo menos cinco: 1. a "elasticidade" relativa do meio ambiente; 2. mudanças climáticas, 3. a presença de vizinhos amistosos com os quais se podiam trocar coisas e idéias, 4. hostilidades com vizinhos que antes eram amistosos, e 5. a reação de uma sociedade aos seus próprios problemas. Sociedades isoladas e hostis com estruturas sociais e culturas rígidas, vivendo em ambientes frágeis, tendem a ser mais suscetíveis a entrar em colapso do que aquelas que possuem interações amistosas e freqüentes com os seus vizinhos e as instituições culturais e sociais flexíveis e um ambiente mais "elástico". Uma mudança climática pode causar estresse repentino nos recursos. O desmatamento completo e o colapso da sociedade da Ilha da Páscoa veio por volta do século XVII em virtude da combinação desses fatores que incluía um ambiente improdutivo e seco e uma estrutura social com base no regime de chefes locais que disputavam o poder embarcando num frenesi de construção de imensas cabeças feitas de rocha pelas quais a ilha ganhou a sua fama. O seu isolamento em relação a outras ilhas do Pacífico não lhe deu um acesso a recursos ou tecnologias adicionais. Chefes locais continuavam a competir agressivamente entre eles, erguendo mais e mais estátuas, mesmo quando o desmatamento e a erosão tinham reduzido a produção de alimentos e a capacidade de construir estátuas sem pressionar irracionalmente a população e o meio ambiente.

O livro é organizado em duas partes principais. Depois de um prólogo demorado, dirige-se a diversos estudos de casos. Esses, por sua vez, são divididos em sociedades do passado e do presente e em experiências de colapso e de sustentabilidade. A colônia norueguesa na Groenlândia, a civilização maia, a Ilha de Páscoa, a cultura Anasazi (no que agora se encontra no sudoeste americano) e algumas poucas ilhas do Pacífico fornecem casos de colapsos ambientais antigos. Essas sociedades perderam quase toda a sua cobertura florestal e seus solos e finalmente andaram em forma de espirais para a fome, para guerra, canibalismo, perda de população e abandono. Diamond reconstrói esses casos através de pesquisas de arqueólogos, historiadores, antropólogos, lingüistas e muitos outros.

As discussões metodológicas dos casos históricos são fascinantes. Por exemplo, Diamond narra a história de um grupo de garimpeiros perdidos que, por acaso, encontraram um povoado dos Anasazi abandonado em 1849. Eles "repararam algumas bolas reluzentes de uma substância semelhante a um caramelo no topo de um penhasco, lamberam ou comeram as bolas e as acharam de sabor doce, mas depois eles ficaram com náusea". A substância se revelava como urina de rato petrificada, misturada com os alimentos que os ratos armazenavam milhares de anos atrás. Esses resíduos dos ratos se tornaram úteis para possibilitar o registro da vida de plantas – e assim das secas e da cobertura vegetal – na região, como sementes e outros elementos que foram estocados nos depósitos de alimentos dos ratos e preservados pelo clima seco. O livro está repleto de exemplos similares que fazem a ciência acessível e memorável para o público leigo.

Japão e a Nova Guiné fornecem casos de sustentabilidade histórica, especialmente a respeito da sobrevivência de florestas. Dois casos contemporâneos são exemplos de colapsos ambientais (Ruanda e Haiti), enquanto a República Dominicana, ao contrário do Haiti, traz algumas esperanças na luta contra o desmatamento e a erosão. Os capítulos sobre a Austrália e a China mostram sociedades que correm o risco de um colapso ambiental, enquanto o extenso capítulo antecedente sobre o Estado de Montana ilustra valores ambientais competidores de mineradoras, "expatriados das cidades" e residentes de longo tempo nos Estados Unidos contemporâneos.

A segunda e mais curta parte de *Colapso* contempla como e por que algumas sociedades fracassaram ao deixar de responder ao colapso esperado (o quinto ponto no modelo de Diamond, mencionado acima), o papel que empresas privadas possuem para responder a essa pressão e a mudança de atitudes a respeito do meio ambiente.

*Colapso* é autobiográfico em muitos sentidos. Sua análise está emoldurada em uma narrativa de amizades duradouras, memórias de infância, viagens, vida familiar e o seu amor por determinados lugares. O título de um dos sub-capítulos é "Minha Montana", em referência ao seu apego ao Bitterroot Valley onde tem passado as temporadas de verão durante uma boa parte de sua vida, pescando e contemplando o "grande céu" pelo qual o estado é famoso. Seu humanismo e sua capacidade de tornar a ciência acessível fazem o livro convidativo para os estudantes e o público em geral. Tenho certeza que na universidade onde ensino, verei muitos estudantes com uma cópia de *Colapso* em baixo dos seus braços, bem semelhante à situação quando os vi com *Armas, Germes e Aço*. O tamanho do livro convida a atalhos, mas o estilo de escrever e a atenção à didática de Diamond tornam possível ler o livro seletivamente e não na sua seqüência e ordem, se o leitor quiser.

Apesar dos mais do que 400 páginas de histórias ambientais detalhadas e mais 150 páginas em que ele tenta empurrar as histórias para um modelo que prevê por que sociedades "escolhem" o fracasso, há pouca conversa com seus colegas da geografia, do planejamento e dos estudos ambientais. Ele não quer entediar seu público com teoria social e política, ou será que o próprio Diamond acha debates sobre a avaliação do meio ambiente, a sustentabilidade, ecologia política, neoliberalismo e racismo ambiental enfadonhas? Será que ele está preocupado com que essas discussões possam tirar o mérito de um "ambientalismo com resultados" que é fortemente promovido por organizações e empresas internacionais preocupadas com a melhora da sua imagem?

Levando-se em conta como ele cita a globalização como uma ameaça para o bem-estar ambiental, é irônico que a solução de Diamond se apóie predominantemente no consumismo esclarecido. Segundo ele, as pessoas que estão conscientes do valor do ambiente embutido em produtos como o petróleo, madeira e peixe exigirão práticas sustentáveis dos produtores. Essa postura tem levado a um esquema de certificações que permite aos consumidores do Primeiro Mundo comprar madeira certificada e outros produtos sustentáveis. Sustentabilidade é mais como qualquer outro produto que os consumidores podem requerer das empresas. Mas se eles não a exigem? Quanto tempo levará para um pequeno grupo de consumidores que solicitam café *songbird*<sup>1</sup> ou madeira certificada para se tornar uma parcela significativa na demanda mundial? Como podem produtos amigáveis ao meio ambiente fazer um alinhamento contra o consumismo massivo e implacável que é promovido agressivamente pelas mesmas empresas que Diamond iria encarregar com a proteção do meio ambiente? A luta pelo rótulo do orgânico nos Estados Unidos mostra que, quando a chance é dada, as corporações tomarão o ambientalismo como refém porque poucas pessoas têm o tempo ou o conhecimento especializado para investigar as suas alegações.

<sup>1</sup> *Songbird Coffee* é um empreendimento conjunto entre a Associação Americana de Ornitologia (ABA) e a *Thanksgiving Coffee Company* para produzir café sem agredir o ambiente e proteger o habitat da fauna avícola (N.T.).

Diamond oferece o caso da *Chevron Oil* na Nova Guiné como um exemplo de um capitalismo ambientalmente sustentável. Ele descreve governos do Terceiro Mundo como a Indonésia como corruptos e ineficientes ao lado do setor dinâmico das corporações. No seu entusiasmo de fazer ver resultados positivos no mundo corporativo, ele idealiza a consciência do mercado e do consumidor nos Estados Unidos. Embora Diamond argumente que é o consumidor esclarecido – em parceria com as corporações – que orientará o caminho para a sustentabilidade, é o estado que surge como chave para o sucesso ou fracasso ambiental quando ele fala da China. A lei que permite ter apenas um filho só pode existir em um regime em que os direitos individuais cedem às necessidades coletivas, mas é também o governo chinês que consegue aprovar mega-projetos como o da Barragem das Três Gargantas sem qualquer exame ambiental confiável ou participação social. A análise que Diamond faz sobre o Japão do século XIX e a República Dominicana do século XX repete esse ponto de vista de que um estado ou líder forte (ou até um ditador) seja vital para implementar medidas para evitar um colapso ambiental. É apenas em países em desenvolvimento que o governo deve agir com mão firme? Por que Diamond não sugere uma similar postura dura do governo dos Estados Unidos para a defesa do meio ambiente global? O estudo de caso do Estado de Montana, um contexto que ele conhece ao íntimo, fornece um relato muito mais detalhado do complexo processo político que todas as sociedades enfrentam na sua busca pelo desenvolvimento sustentável. O livro entretém e é informativo, mas sofre um colapso sob o peso de explicações universais para a vasta variedade geográfica e histórica que Diamond procura compreender de uma maneira demasiadamente ambiciosa.

(Tradução: Jörn Seemann)